

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

IN MEMORIAM ROGÉRIO SAMORA

16 DE FEVEREIRO DE 2022

## A FALHA / 2002

um filme de João Mário Grilo

Realização: João Mário Grilo / Argumento: João Mário Grilo, Luís Carmelo, baseado no romance de Luís Carmelo / Fotografia: Sabine Lancelin / Montagem: Rudolfo Wedeles / Som: Phillipe Morel / Guarda-Roupa: Sílvia Grabowski / Direção Artística: João Calvário / Interpretação: Alexandra Lencastre (Lígia), Teresa Roby (Elsa), Rogério Samora (António Piçarro), João Lagarto (Carlos), Suzana Borges (Maria Filipa), Adriano Luz (Alfredo), Rita Blanco (Ana Mateus), Orlando Costa (Alfredo).

Produção: Madragoa Filmes (Portugal), Radio Televisão Portuguesa / RTP (Portugal), Gemini Films (França) / Produtor: Paulo Branco / Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original, 88 minutos / Estreia comercial em Portugal: King (Lisboa), Monumental-Saldanha (Lisboa), Passos Manuel (Porto), AMC Arrábida 20 (Vila Nova de Gaia), 25 de Outubro de 2002 / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

---

Com a presença de João Mário Grilo.

---

Filmado depois de *LONGE DA VISTA* (1998) e do filme televisivo *451 FORTE* (2001), *A FALHA* é o culminar de um conjunto de filmes que remonta a *O FIM DO MUNDO* (1993), nos quais João Mário Grilo recorre ao tema da clausura. Se nos filmes anteriores este tema se construía consoante imagens do crime, e do cárcere, este configura-se num aprisionamento que vai para além do soterramento real que constitui o acontecimento principal desta história, e que encontra a sua influência num certo desconforto e na visão determinista que o realizador detém em relação à sua geração, a dos que viveram a adolescência e o início da fase adulta na altura do 25 de Abril de 1974, desconforto que atribui à imobilização de um sonho, e a um país que, segundo considera, não se cumpriu. Encontrou o ajuste de contas no livro homónimo, escrito em 1998 por Luís Carmelo e que se espalha alegoricamente na esfera psicológica e no confronto com o passado e com a memória de um grupo de ex-colegas que se reencontram vinte e cinco anos após o término do liceu, para um almoço e que é levado, na situação limite do soterramento numa pedreira, à reabertura de processos reprimidos e à manifestação dos seus bloqueios mais profundos.

*A FALHA* é o reflexo de uma certa condição de estar na vida e, ao mesmo tempo, toma os seus contornos na própria estrutura do filme e na exploração do próprio potencial do cinema. O filme desenrola-se em dois tempos e dois médium diferentes, sendo que os acontecimentos do reencontro se passam em *flashback*, ao passo que a atualidade do filme é apresentada na forma de um documentário que inquire as personagens sobre o

desastre. Este inquérito televisivo, referido por João Mário Grilo como sendo um modo de afastamento da expressão literária, e motivo pelo qual convida Carmelo para interpretar o papel de entrevistador das personagens de Alexandra Lencastre e Rita Blanco, adquire uma função estrutural no pensamento sobre a relação da verdade e da memória num regime de imagens, assim como dos seus lugares e dos seus reflexos na nossa sociedade.

No desfasamento entre a performance televisiva, social e evasiva e as subtilidades que ressaltam ao longo de todo o *flashback*, A FALHA resolve-se em múltiplas entrelinhas, cuja abordagem sugere um profundo conhecimento do cinema e a intenção de aproveitar toda a sua potencialidade, e que vão por isso muito para além da narrativa e das relações muito bem interpretadas pelo brilhante elenco que as povoa: se não há um protagonista neste grupo, é porque o cerne está no conjunto-relação dos choques entre as memórias e os efeitos das suas reações, inseridos em elementos conceptuais muito bem definidos pela abordagem técnica a que se aproximam. Falamos, nomeadamente, da "falha" ou do abismo entre a esfera social mediatizada, e a esfera do privado e pessoal, com todas as suas incomunicabilidades e invisibilidades. E se a televisão evoca, aqui, um fechamento em torno da repressão dos desejos face à aparência pública, é o cinema, no seu lado artístico e enquanto dispositivo de "transubstanciação" alegórica de abertura, que tornará visíveis tais desejos e frustrações.

Daí que, pelo seu experimentalismo visual, possamos ver no tremor de terra que precipita a queda da pedra o momento fulcral do filme. Filmada através de uma película refletora que, a vibrar, foca a simulação de um efeito sísmico, a pouca verosimilhança desta sequência vira a atenção para o próprio processo de transformação da imagem cinematográfica, ao passo que a queda da pedra acontece como uma operação de magia telúrica ou de uma "manipulação artística da natureza" que, efetuando um corte com a realidade diegética, inaugura a situação-limite do soterramento que debruça os colegas, em catábase, numa manifestação psicótica e primitiva de revelação.

Em entrevista a Sílvia Souto Cunha, João Mário Grilo refere que «o projetor de cinema é a falha por excelência. A única luz que entra na gruta é a que atravessa a falha que vemos são as sombras das pessoas, aquilo que acontece no cinema. Hoje, quando vamos ao cinema vemos o filme de cada um, é um dispositivo que acorda a memória». A falha, essa fissura no bloco de mármore que ilumina, expressão metafórica das feridas de todas as personagens, e de todo o ser humano, toma a forma de um mecanismo de visão que evidencia a sua própria capacidade de transformação.

Manuel João Montenegro